

30
ANOS

ANO 30 • NÚMERO 212 • 03 & 04.2026

CARTA DO
LÍBANO

CULTURA E
CONTEMPLAÇÃO
FUNDAÇÃO DE ARTE
BASSAM FREIHA
EM ABU DHABI

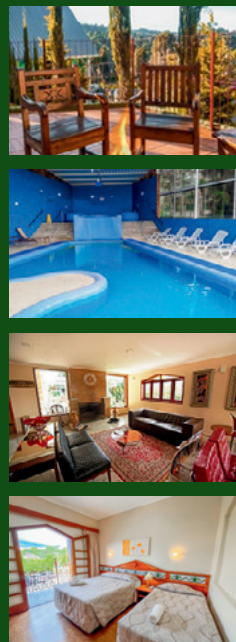
MEMÓRIA
CARIOCA
A NOITE EM
QUE ROBERTO
MARINHO
SE TORNOU
MASCATE

LÍBANO
ENTRE A
GUERRA E A
DIPLOMACIA

CIDADE
MILENAR
EXPOSIÇÃO
"BYBLOS"
EM PARIS

CRISTINA EL-KHOURY

PRIMEIRA MULHER NA
PRESIDÊNCIA DA
SOCIEDADE MARONITA DE
BENEFICÊNCIA EM 129 ANOS



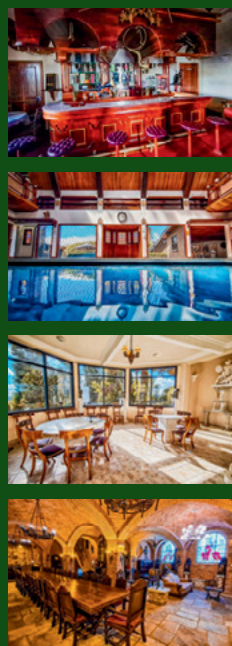
Telefone (12) 3663-3887

WhatsApp (12) 3663-3577

www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonnacionalinn.com.br

Endereço: Rua Joaquim Pinto Seabra, 208, Vila Everest Campos do Jordão | 12460-003

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!



Telefone (12) 3662-4338

WhatsApp (12) 99712-8997

www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonnacionalinn.com.br

Endereço: Rua Roberto Pistrak Nemirovsky, 148, Alto Boa Vista Campos do Jordão | 12460-000

CARTA DO LIBANO

EDITORA CARTA LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 500,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
CRISTINA EL-KHOURY
FOTO
ERNESTO EILERS

O LÍBANO ESTÁ CANSADO

**CANSADO DE GUERRAS.
CANSADO DE CRISES.
CANSADO DE ENTERRAR SONHOS.**

Diplomacia não é fraqueza. Hoje, é a última linha de contenção. Ao defender a diplomacia, o presidente Joseph Aoun reconhece uma verdade incômoda: o Líbano não tem margem para mais um erro. Em um cenário marcado pelas tensões entre a milícia Hezbollah e Israel, qualquer escalada pode ultrapassar rapidamente o ponto de retorno. E não se trata de debate abstrato. É questão de sobrevivência nacional.

A diplomacia, nesse contexto, não resolve tudo, mas evita o pior. Ela mantém canais abertos, reduz riscos imediatos e impede que o país mergulhe novamente em um conflito devastador. Ignorá-la seria imprudente e irresponsável.

Ainda assim, é preciso dizer com clareza que nenhuma estratégia externa compensará falhas internas. A crise econômica, a paralisia política e a perda de confiança nas instituições continuam corroendo o Estado internamente.

O Líbano enfrenta, simultaneamente, a ameaça de uma guerra e o peso de um colapso prolongado. A diplomacia pode conter essa explosão. Porém, somente reformas reais poderão reconstruir o país.

Entre evitar o abismo e encontrar um caminho, o Líbano precisa, urgentemente, dos dois.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 30 • NÚMERO 212 • 03 & 04.2026



03 | Editorial

06 | Guerra no Líbano

Na capital dos Estados Unidos, o raro diálogo entre Líbano e Israel reacende esperanças — e antigos dilemas. Uma oportunidade histórica que o mundo acompanha em suspense

09 | Guerra no Líbano

Entre escombros e interesses

12 | Capa

Como a primeira mulher a presidir a Sociedade Maronita de Beneficência em 129 anos, Cristina el-Khoury faz história — um passo que reflete o que ela define como o amadurecimento natural de uma instituição centenária

22 | História

Byblos em Paris: história milenar em tempos de guerra

28 | História

De pequeno assentamento de pescadores a um dos grandes centros comerciais do Mediterrâneo antigo, Byblos atravessa milênios sem perder sua essência — carregando até hoje o peso e a grandeza de uma história que nunca deixou de existir

32 | Gente que faz

O legado de Bassam Freiha ganha vida na Fundação de Arte Bassam Freiha, fortalecendo Abu Dhabi como um novo polo cultural global

38 | Memória

Há quase meio século, um jantar no Clube Monte Líbano marcou a história — e as palavras proferidas, especialmente pelo então presidente das Organizações Globo, ainda ecoam na comunidade libanesa e ressoam nos acontecimentos atuais do Oriente Médio

44 | Entrevista

Mônica Cury: “O Brasil pede mais do que discursos, pede verdade”

48 | Literatura

Cem anos depois, a voz de Elias Farhat continua atravessando fronteiras — entre Oriente e Ocidente, poesia e ação, memória e liberdade

56 | Memória

A história de Houda Khalil Ephram e Ephram Khalil Ephram ecoa no tempo como a de tantos outros — feita de encontros, partidas e recomeços, de aprendizados e afetos. A vida, afinal, em sua forma mais humana e universal

60 | Homenagem

Sacerdote maronita libanês radicado no interior paulista é reconhecido pela trajetória de doação, fé e acolhimento aos necessitados

62 | ENTRE ASPAS



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 500 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 3114 · CONTA CORRENTE 90249-7

GUERRA NO LÍBANO

ENTRE A GUERRA E A DIPLOMACIA

Na capital estadunidense, o raro diálogo do Líbano com Israel reacende esperanças — e dilemas antigos. Uma oportunidade histórica que o mundo observa em suspense

Washington amanheceu, na terça-feira, 14 de abril de 2026, como palco de um encontro improvável — quase histórico. Depois de décadas de silêncio diplomático e mais de um mês de confrontos intensos, representantes do Líbano e de Israel sentaram-se frente a frente, sob a mediação dos Estados Unidos, numa tentativa cautelosa de abrir caminho para algo que há muito parecia inalcançável: o diálogo direto.

À mesa, não estavam apenas diplomatas. Eram décadas de desconfiança, fronteiras marcadas por guerras recorrentes e a presença constante de atores que operam para além dos limites do estado.

O secretário de Estado americano, Marco Rubio, não escondeu o peso simbólico do momento ao classificá-lo como uma “oportunidade histórica”.

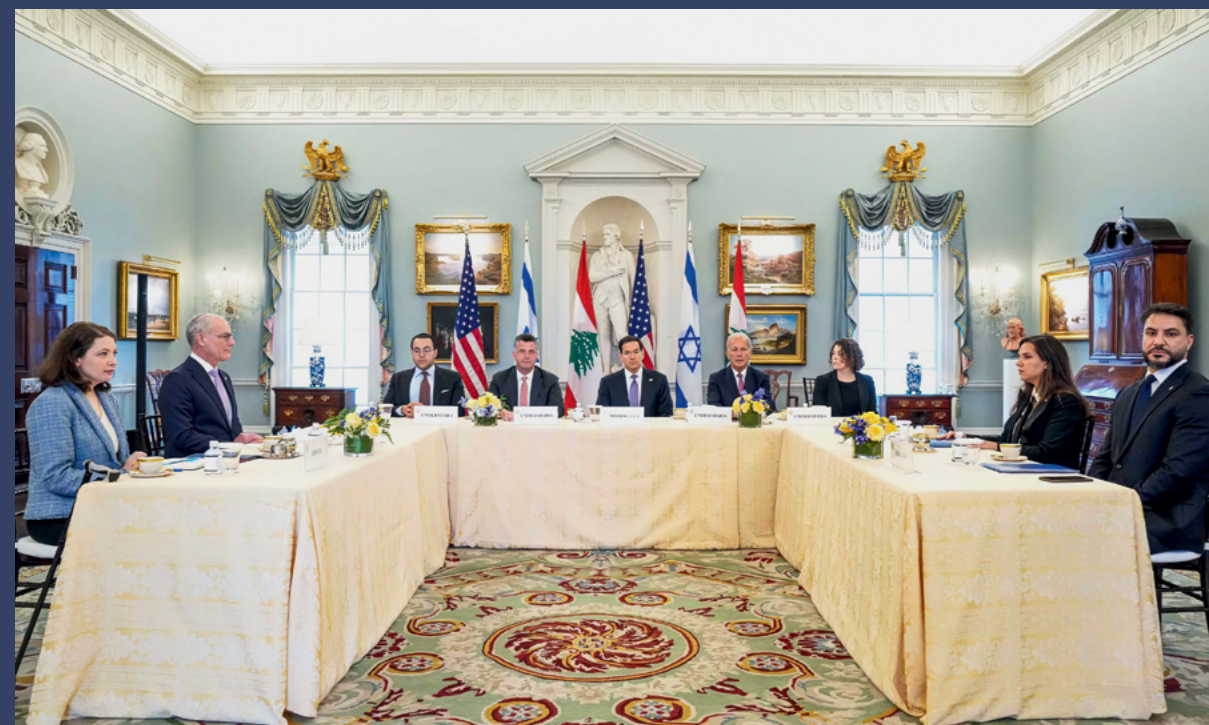
Porém sua cautela foi igualmente reveladora: não se trata de resolver um conflito — e sim de começar a torná-lo negociável.

O DIÁLOGO POSSÍVEL E SUAS AUSÊNCIAS

O encontro durou apenas duas horas, mas seus significados se estendem muito além do tempo cronológico. Pela primeira vez em mais de três décadas, Líbano e Israel testam a possibilidade de um canal direto — ainda que frágil, ainda que mediado.

Mas há uma ausência que define, silenciosamente, os limites desse esforço: a milícia Hezbollah.

Fora da mesa e contrário às negociações, o grupo continua a operar como força militar ativa, lançando ataques enquanto diplomatas falam em paz. Sua exclusão não é um detalhe — é o centro da equação. Porque, no Líbano contemporâneo, o poder não reside apenas nas instituições oficiais.



Cartas na mesa: No alto, a primeira reunião na sede do Departamento de Estado em Washington. Acima, o conselheiro Michael Needham, o embaixador dos EUA na ONU, Mike Waltz; o secretário de Estado, Marco Rubio; o embaixador dos EUA no Líbano, Michel Issa, a embaixadora do Líbano nos EUA, Nada Hamadeh Moawad; e o embaixador de Israel nos EUA, Yechiel Leiter

FOTOS: U.S. DEPARTMENT OF STATE E INTERNET

As conversas em Washington talvez não produzam resultados imediatos. Mas seu significado vai além de qualquer comunicação oficial

UM ESTADO QUE TENTA SE REAFIRMAR

Do lado libanês, o tom foi claro. A embaixadora Nada Hamadeh Moawad insistiu na urgência de um cessar-fogo e na necessidade de restaurar a soberania plena do país. Já o presidente Joseph Aoun tem reiterado, em diferentes ocasiões, que soluções diplomáticas continuam sendo o único caminho sustentável.

Há, nessas falas, mais do que retórica: há uma tentativa de redefinir o próprio papel do Estado libanês.

Entre pressões internas e externas, Beirute parece buscar algo essencial — recuperar o monopólio da decisão sobre guerra e paz, hoje fragmentado por forças que escapam ao controle institucional.

ISRAEL E A LÓGICA DA OPORTUNIDADE

Do lado israelense, o momento é interpretado sob outra lente: a da oportunidade estratégica.

Autoridades israelenses têm sinalizado uma convergência rara — a percepção de que tanto a milícia Hezbollah quanto seu principal aliado regional, o Irã, atravessam um período de fragilidade relativa. Nesse contexto, a diplomacia surge não como alternativa à força, mas como extensão dela.

A ideia de uma “zona de segurança” no sul do Líbano, novamente em discussão, revela que, para Israel, qualquer acordo duradouro passa necessariamente por uma redefinição concreta do equilíbrio militar na fronteira.

A GUERRA CONTINUA EM MEIO A NEGOCIAÇÃO

Enquanto diplomatas trocam palavras em Washington, o terreno conta outra história. Sirenes

ecoam no norte de Israel. Bombardeios continuam atingindo cidades libanesas. Mais de dois mil mortos, um milhão de deslocados — números que não apenas ilustram a escala da crise, mas também impõem urgência a qualquer tentativa de solução.

Essa simultaneidade — negociar e combater — não é contradição. É, na verdade, uma característica recorrente dos conflitos contemporâneos no Oriente Médio, onde a guerra frequentemente molda os termos da própria diplomacia.

O IMPASSE ESTRUTURAL E UMA ENCRUZILHADA

No centro de tudo, permanece um dilema que nenhum encontro diplomático resolve por si só. Israel negocia com o Estado libanês — mas enfrenta, no campo de batalha, a milícia Hezbollah.

O governo do Líbano busca afirmar a soberania — mas não controla plenamente os instrumentos da força dentro de seu território. E a milícia Hezbollah, por sua vez, rejeita qualquer acordo que não passe por sua própria lógica de resistência.

Esse triângulo cria um paradoxo: qualquer entendimento alcançado pode nascer politicamente legítimo — mas operacionalmente frágil.

As conversas em Washington talvez não produzam resultados imediatos. Mas seu significado vai além de qualquer comunicado oficial. Elas revelam uma tentativa — ainda incerta — de reconfigurar não apenas um conflito, mas a própria arquitetura de poder no Líbano e seu entorno.

Entre a diplomacia e a guerra, o que está em jogo não é apenas um cessar-fogo. É a possibilidade, ainda distante, de transformar um território historicamente disputado em um espaço de soberania efetiva.

Por ora, o diálogo começou. E, no Oriente Médio, isso já é, por si só, um acontecimento raro. ■

GUERRA NO LÍBANO

ENTRE ESCOMBROS E INTERESSES

Quem ganha e quem perde nas guerras que atravessam o Líbano. O país tem urgência em superar um passado sombrio e seguir em frente, enquanto forças hostis e velhos conhecidos insistem na disputa onde a população sofre as maiores perdas

Beirute amanhece, muitas vezes, com o peso de uma geopolítica que não escolheu. Entre edifícios carregados de marcas de conflitos passados e uma economia à beira do colapso, o país segue sendo palco de disputas que extrapolam suas fronteiras — e cujo custo recai, de forma desproporcional, sobre sua população.

No centro dessa equação está a milícia Hezbollah, força político-militar que, ao longo das últimas décadas, consolidou-se como um dos atores mais influentes do país. Armado e financiado pelo Irã, o grupo sustenta uma narrativa de resistência contra Israel — narrativa que lhe garante apoio dentro de parte da sociedade

libanesa, mas que também expõe o território nacional a ciclos recorrentes de violência.

A Guerra do Líbano de 2006 permanece como símbolo desse impasse. De um lado, a milícia Hezbollah reivindicou vitória ao resistir a uma ofensiva militar de grande escala; de outro, o Líbano contabilizou perdas bilionárias e uma infraestrutura devastada. O episódio ilustra um padrão que se repete: ganhos estratégicos para alguns, destruição generalizada para muitos.

Para Israel, as operações militares têm como objetivo enfraquecer a capacidade bélica da milícia Hezbollah e reafirmar seu poder de dissuasão. Ainda assim, os resultados são limitados. O grupo continua ativo, rearmado e inserido no tecido político libanês, enquanto comunidades israelenses próximas à fronteira



Cenário desolador: Uma família atravessa a ponte destruída, com nada além da cara e da coragem - recuar não é uma opção.

Deslocamentos, perdas humanas e a erosão das condições de vida tornam-se parte de uma rotina que se repete a cada nova escalada do conflito

vivem sob constante tensão.

Teerã, por sua vez, observa à distância — e colhe dividendos geopolíticos. Ao apoiar a milícia Hezbollah, o Irã projeta influência no Mediterrâneo e mantém pressão indireta sobre Israel, sem se envolver diretamente em um conflito aberto. Trata-se de uma estratégia de baixo custo relativo e alto impacto regional, ainda que carregada de riscos de escalada.

No Líbano, o preço é mais imediato e visível. A fragilidade do Estado, agravada por crises políticas e econômicas, limita sua capacidade de controlar atores armados dentro de seu território. A soberania torna-se difusa, e o país permanece vulnerável a decisões que não passam pelas instituições formais.

Enquanto isso, a população civil — tanto libanesa quanto, em menor grau, israelense — vive sob a sombra da instabilidade. Deslocamentos, perdas humanas e a erosão das condições de vida tornam-se parte de uma rotina que se repete a cada nova escalada do conflito.

No tabuleiro mais amplo, poucos saem realmente vitoriosos. Há ganhos táticos, avanços pontuais e reforço de narrativas políticas. Mas, no balanço geral, o conflito se perpetua sem solução definitiva, alimentando um ciclo em que poder e destruição caminham lado a lado.

No fim, a pergunta que permanece não é apenas quem ganha ou perde — mas até quando esse equilíbrio instável continuará sendo sustentado. ■



Escombros: A destruição em um subúrbio ao sul de Beirute revela mais do que a cidade em ruínas. São vidas interrompidas, memórias soterradas e a resistência silenciosa dos que insistem em recomeçar

CAPA

CRISTINA EL-KHOURY

“VALORIZAR
NOSSAS
TRADIÇÕES
E A FE
MARONITA SÃO
PRIORIDADES”

Como a primeira mulher a ocupar a presidência da Sociedade Maronita de Beneficência em 129 anos, Cristina el-Khoury faz história. O que ela vê como “o amadurecimento natural de uma instituição centenária”

FOTOS: ERNESTO EILERS E DIVILGAÇÃO

Nova era: A posse de Cristina el-Khoury como presidente da Sociedade Maronita de Beneficência, abre capítulo inédito na história de uma das mais tradicionais instituições da comunidade libanesa no Brasil



“Ser a primeira mulher eleita para a presidência da Sociedade Maronita de Beneficência é uma honra que carrega emoção, memória e responsabilidade”

Fundada em São Paulo, em 1897, a Sociedade Maronita de Beneficência é a mais antiga instituição da comunidade libanesa no Brasil. Tudo começou com um grupo de imigrantes libaneses maronitas liderados pelo padre Yacoub Saliba, com o objetivo de acolher, apoiar e integrar os maronitas que chegavam ao país no final do século 19, oferecendo assistência social, religiosa e comunitária.

Desde o início, a entidade está ligada à estreita Igreja Maronita - igreja católica de rito oriental (siro-aramaico) em comunhão com Roma - cuja tradição espiritual remonta a São Maron. As primeiras décadas do século passado no Brasil foram marcadas por intenso fluxo migratório proveniente do Monte Líbano. Assim a Sociedade desempenhou papel fundamental no acolhimento e na integração social dos então recém-chegados.

Ao longo de mais de um século, a instituição contribuiu na preservação da fé, da cultura e das tradições da comunidade libanesa. Atualmente, mantém parceria com a Eparquia Maronita do Brasil e com a Catedral Nossa Senhora do Líbano, participando da organização de eventos religiosos e culturais, entre eles a tradicional Festa de Nossa Senhora do Líbano.

A história da Sociedade Maronita de Beneficência acompanha a própria trajetória da imigração libanesa em São Paulo, consolidando-se como importante símbolo de união, fé e solidariedade entre os descendentes de libaneses.

“Desde cedo, participei ativamente da vida da Sociedade Maronita de Beneficência, movida pelo sentimento, pela fé e pelo compromisso com as nossas raízes”, declara a nova presidente nesta entrevista para Carta do Líbano.

CARTA DO LÍBANO: O que significa para a senhora ser a primeira mulher eleita para presidência da Sociedade Maronita de Beneficência em 130 anos de história?

CRISTINA EL-KHOURY: Ser a primeira mulher eleita para a presidência da Sociedade Maronita de Beneficência, depois de 129 anos de história, é uma honra que carrega emoção, memória e responsabilidade. Representa não apenas um marco pessoal, mas a confiança de uma comunidade que preservou suas raízes libanesas ao longo das gerações e que hoje caminha para o futuro mantendo vivos seus valores, fé e identidade.

CARTA: Qual a sua formação e como se envolveu com a instituição? Fale um pouco sobre os caminhos que a trouxeram até aqui.

CRISTINA: Sou formada em Pedagogia, uma escolha que sempre refletiu meu interesse genuíno pelas pessoas, pelo diálogo e pela construção de vínculos. Desde cedo, participei ativamente da vida da Sociedade Maronita de Beneficência, movida pelo sentimento, pela fé e pelo compromisso com as nossas raízes. Ao longo dos anos, esse envolvimento se transformou em trabalho, aprendizado e responsabilidade, até que os caminhos me levaram a assumir esse novo desafio, com gratidão.



Sra. presidente:
Na agenda de
Cristina el-Khoury, a
missão é preservar
tradições, fortalecer
a solidariedade e
ampliar o impacto
social da instituição
na comunidade

“Muitas mulheres se destacaram ao longo do tempo pela ação social. Foram os pilares da instituição. Elas me ensinaram que liderar é cuidar”

CARTA: Sua eleição aponta um novo caminho para a instituição? E como a senhora vê a Sociedade Maronita de Beneficência enfrentando os desafios do século 21?

CRISTINA: Minha eleição não representa uma ruptura, mas o amadurecimento natural de uma instituição centenária. A Sociedade Maronita de Beneficência entra com o desafio de preservar raízes, fé e identidade cultural, ao mesmo tempo em que se abre ao diálogo, à inovação e às novas gerações. Vejo a Sociedade preparada para evoluir com responsabilidade social e visão de futuro, mantendo viva a missão que atravessou gerações e continua unindo nossa comunidade.

CARTA: Qual a principal proposta para a sua gestão? Quais as prioridades?

CRISTINA: Minha principal proposta é fortalecer a Sociedade como instituição mais ativa, que esteja junto e presente. Valorizar nossas tradições e a fé Maronita são prioridades. Assim como ampliar projetos sociais, aproximar as novas gerações, garantir continuidade, união e modernização na gestão.

CARTA: Na história da instituição, a presença feminina deve ter sido uma grande força. Quais mulheres se destacaram ao longo do tempo e qual considera uma inspiração e um exemplo?

CRISTINA: Muitas mulheres se destacaram ao longo do tempo pela atuação social, na cultura e no fortalecimento da vida comunitária. Foram

os pilares da instituição. Elas me ensinaram que liderar é cuidar, servir e construir pontes. Hoje represento a continuidade desse caminho e carrego um pouco da história de todas elas.

CARTA: Em quais frentes a Sociedade Maronita de Beneficência mais atua no momento?

CRISTINA: Desde sua origem a instituição tem como missão acolher, orientar e dar suporte espiritual, social e material à comunidade maronita. Trata-se de uma instituição atuante na promoção da fé maronita e na organização de atividades religiosas, como orações comunitárias, eventos culturais e celebração de datas religiosas. Atuante também na preservação e difusão da cultura maronita e libanesa por meio de eventos culturais, datas festivas e cursos. A Sociedade trabalha para aproximar as novas gerações, mantendo viva a história com um olhar para o futuro.

CARTA: Existe alguma coisa do passado da instituição que a senhora deseja resgatar e em que novas frentes pretende atuar?

CRISTINA: Pretendo resgatar o sentimento de comunidade viva que marcou a história da instituição, com a presença, o cuidado e o envolvimento das pessoas. Para o futuro, vamos atuar em novas frentes, como o maior engajamento dos jovens, ampliar as frentes de trabalho social e modernizar a forma como a Sociedade se comunica e se conecta com as novas gerações. ■

DEPOIMENTOS

Considerações sobre o futuro da Sociedade Maronita de Beneficência no Brasil

Dom Edgard Madi: “A sociedade hoje é chamada a evoluir”



EDGARD MADI, BISPO MARONITA DO BRASIL

“Fundada em 1897 pelo padre Jacob Saliba, que deixou o Líbano movido pelo desejo de integrar os descendentes maronitas e fortalecer os laços com a terra de origem, a Sociedade Maronita de Beneficência no Brasil nasceu como uma ponte entre culturas, gerações e valores. Desde então, tornou-se um pilar de apoio à comunidade, preservando tradições e promovendo a solidariedade como expressão concreta da fé.

Ao longo de sua trajetória, a Sociedade consolidou-se como espaço de acolhimento, identidade e continuidade. Seus princípios — a caridade, a união familiar e o respeito à dignidade humana — permanecem vivos e atuais, orientando suas ações em

um mundo que se transforma rapidamente.

Olhar para o futuro é, antes de tudo, reafirmar esse legado. A Sociedade é hoje chamada a evoluir, a dialogar com novas realidades e a responder aos desafios contemporâneos com criatividade e responsabilidade. Nesse processo, a harmonia entre a liderança da Igreja Maronita e a Sociedade revela-se essencial. A colaboração baseada no respeito mútuo e na comunhão de valores fortalece as iniciativas, orienta os caminhos e contribui de forma decisiva para o crescimento sólido e sustentável da instituição.

Outro aspecto que marca esse novo tempo é a presença cada vez mais ativa das mulheres na liderança. Se no passado já eram fundamentais nas ações comunitárias, hoje ocupam também espaços estratégicos, participando das decisões e trazendo uma visão sensível, moderna e inclusiva. Sua atuação amplia horizontes e enriquece a missão da Sociedade, tornando-a mais representativa e dinâmica.

A nova geração, por sua vez, surge como continuidade natural dessa história. Jovens comprometidos com suas raízes e abertos ao mundo trazem novas ideias, incorporam ferramentas digitais e impulsionam projetos inovadores, fortalecendo a presença da Sociedade na sociedade brasileira e mantendo viva a conexão com o Líbano.

Assim, tradição e renovação caminham juntas. A Sociedade Maronita de Beneficência no Brasil segue fiel às suas origens, mas consciente de que seu futuro depende da capacidade de se reinventar sem perder sua essência.

Mais do que uma instituição, ela é um legado vivo — construído por aqueles que vieram antes e confiado às gerações que continuam a escrever, com esperança e compromisso, os próximos capítulos de sua história.

Honrar as raízes, fortalecer o presente e construir o futuro — juntos, em fé e solidariedade.”

ANTÔNIO CHEHIN, EX-PRESIDENTE DO SOCIEDADE MARONIÇA DE BENEFICÊNCIA

“**U**ma mulher na presidência da Sociedade Maronita de Beneficência - a primeira em 129 anos de história - representa algo verdadeiramente espetacular e muito significativo. Ver uma mulher assumir o cargo demonstra claramente a evolução dos tempos e como as mulheres vêm conquistando, com mérito, espaços cada vez mais relevantes.

As mulheres sempre desempenharam um papel fundamental na preservação da cultura, da fé e da união das famílias. Hoje, além disso, assumem também posições de liderança e gestão, o que é motivo de grande orgulho.

O Líbano, como país democrático, sempre valorizou a participação das mulheres em espaços de destaque, incentivando-as a contribuir com sua sensibilidade, competência e visão para o desenvolvimento das instituições e da comunidade. Esse momento é um símbolo de evolução e da força feminina.

Imagino uma Sociedade ainda mais forte, bem gerida e bem cuidada, demonstrando que a instituição está aberta à evolução e ao reconhecimento da capacidade de todos que desejam contribuir.

Acredito que esse momento também sirva de inspiração para as novas gerações. Espero dos jovens descendentes libaneses o comprometimento em dar continuidade a esse



Antonio Badih Chehin: “Uma mulher presidente representa algo verdadeiramente espetacular”

trabalho, preservando nossas tradições, nossa fé e nossa história.

Desejo que, no futuro, a Sociedade Maronita se consolide cada vez mais como uma grande referência do povo libanês, mantendo vivos os laços entre as gerações e honrando o legado daqueles que construíram essa instituição ao longo de tantos anos.”

“Imagino uma Sociedade ainda mais forte, bem gerida e bem cuidada. Aberta a todos que desejam contribuir”

LEILA TAOUK KHOURI, MEMBRO DA SOCIEDADE MARONIÇA DE BENEFICÊNCIA

“**A**credito que esse seja um passo importante para modernizar a Sociedade. Hoje, a mulher tem se mostrado mais ativa, atualizada e socialmente engajada do que o homem, especialmente no Brasil, onde o trabalho consome grande parte do tempo no dia a dia.

Também é essencial investir em programações voltadas para os jovens, com atividades que realmente os atraiam, como viagens, baladas e encontros organizados, além de práticas esportivas como tênis ou futebol. Se nada for feito para fortalecer os laços sociais, infelizmente não vejo um futuro muito promissor. Atualmente, parece que apenas algumas pessoas sustentam a sociedade. Precisamos criar iniciativas que unam diferentes gerações — algo como um clube ou comunidade — enquanto ainda há tempo para isso.

No momento, a situação está difícil, mas fica a esperança de que o próximo ano seja melhor.”



Leila Taouk Khouri: “É essencial investir em programações para os jovens”



Jaqueline Raffoul Bakhos Maria: “Viver a fé e ajudar o próximo é o legado que permanece”

JAQUELINE RAFFOUL BAKHOS MARIA, VICE- PRESIDENTE DA SOCIEDADE MARONIÇA DE BENEFICÊNCIA

“**T**enho um orgulho profundo em ser maronita — uma fé bela, que nos ensina, acima de tudo, o amor e a solidariedade ao próximo. Carrego comigo o desejo sincero de contribuir para que essa tradição se fortaleça, especialmente entre os jovens, para que eles não apenas conheçam, mas vivenciem nossa fé, nossos costumes e o verdadeiro sentido de pertencimento à nossa comunidade.

Que eles descubram o prazer de viver esses valores no dia a dia, praticando o bem e cultivando laços que atravessam gerações.

Acredito que nosso maior legado será mostrar, pelo exemplo, o quanto a vida com Deus é plena e significativa — e que jamais se esqueçam da importância de estender a mão aos que mais necessitam.”

DO DEPOIMENTO DE MAURICE BASHIR, EMPRESÁRIO

Para o empresário Maurice Bashir, integrar a Sociedade Maronita de Beneficência não é apenas participar de uma instituição: é abraçar uma herança que pulsa no coração e na memória de um povo. É sentir-se parte de uma corrente que atravessa séculos, unindo passado, presente e futuro em um mesmo fio de fé e identidade.

Ele descreve essa vivência como mergulhar em uma tradição cristã oriental com mais de 1.600 anos, enraizada nas montanhas do Líbano. Uma herança espiritual que se entrelaça com uma cultura ainda mais antiga, herdeira das civilizações fenícias e guardiã da língua aramaica — idioma que ecoa como oração e resistência, moldando a essência do povo maronita.

Mas, para Maurice, o valor da Sociedade vai além da espiritualidade: é também um espaço de encontro, de família e de comunidade. Uma rede que se expande pelo mundo, refletindo a força da diáspora libanesa em países como Brasil, França e Estados Unidos. Os laços, mesmo distantes, permanecem vivos e intensos, reafirmando o sentimento de pertencimento que não conhece fronteiras.

A ancestralidade ocupa lugar central em sua visão. Cada integrante carrega em si a história de gerações que mantiveram viva a língua, os costumes e as tradições, como quem protege uma chama sagrada. Preservar esse legado é missão compartilhada, é gesto de amor às origens e compromisso com o futuro das novas gerações.

Símbolos nacionais surgem como emblemas dessa identidade: os cedros do Líbano, firmes e majestosos; as montanhas que guardam memórias;



a arquitetura e a gastronomia que narram histórias; e, sobretudo, a resiliência de um povo que nunca se dobra diante das adversidades.

Para Maurice Bashir, a Sociedade Maronita de Beneficência é mais do que uma instituição: é um santuário de memória e esperança, um espaço onde a história continua viva, onde a cultura se reinventa e onde a união comunitária se fortalece. É o reflexo de uma identidade que resiste ao tempo e floresce em cada maronita que se encontra pelo mundo.

Uma rede que se expande pelo mundo, refletindo a força da diáspora libanesa em países como França e EUA

DO DEPOIMENTO DE EVELYNE YAHCHOUCI, MEMBRO DA SOCIEDADE MARONIÇA DE BENEFICÊNCIA

Para Evelyne Yahchouchi, o engajamento social não é uma escolha ocasional, mas sim a continuidade natural de princípios que guiam sua vida. Integrante da Sociedade Maronita de Beneficência, ela vê sua atuação como uma oportunidade concreta de transformar realidades e oferecer esperança a quem mais precisa.

“Fazer parte da Sociedade é uma extensão dos meus valores”, afirma. Cada gesto de doação, cada momento de voluntariado e cada palavra de apoio revelam um compromisso que ultrapassa a ajuda material: trata-se de promover dignidade, acolhimento e presença humana.

Evelyne acredita que a solidariedade é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que alivia dores e fortalece o outro, o voluntariado enriquece quem se dispõe a servir. É um caminho de descobertas, de vínculos que se criam e de aprendizados que se tornam parte da própria vida. “Isso enriquece a própria existência, com conexões e experiências que levamos adiante”, destaca.

Para ela, o trabalho beneficente não se resume a ações pontuais: é um processo contínuo, tecido com diálogo, empatia e evolução mútua. Nesse ciclo, a solidariedade deixa de ser apenas um gesto e se torna prática constante de transformação coletiva.

Em um mundo ainda marcado por desigualdades, a voz de Evelyne ecoa como um chamado: o engajamento comunitário é mais do que uma resposta às necessidades imediatas — é uma ferramenta de mudança real e duradoura. Sua trajetória mostra que, quando valores se transformam em ação, a solidariedade se torna luz capaz de iluminar caminhos e renovar esperanças.



MILED KHOURI, EMPRESÁRIO E CÔNSUL HONORÁRIO DO LIBANO EM CAMPINAS

“Fazer parte da Sociedade Maronita de Beneficência vai além de um compromisso institucional — é uma ligação afetiva, enraizada na minha história e naquilo que sou. É honrar uma trajetória de 129 anos que atravessa gerações, preservando não apenas uma instituição séria, mas um legado de valores, fé e pertencimento.

Representar essa entidade é, para mim, dar continuidade aos ensinamentos que recebi ainda na infância, mantendo viva uma herança que carrego com orgulho e responsabilidade no coração.” ■

HISTÓRIA

Ato político: Mais de 400 artefatos testemunham a história da cidade que sobrevive incólume há milênios

BYBLOS EM PARIS: HISTÓRIA MILENAR EM TEMPOS DE GUERRA

A presença do presidente francês e do ministro da cultura do Líbano, na abertura da mostra no Instituto do Mundo Árabe, esteve além da política. Reforçando cultura e preservação da memória como atos de sobrevivência



Preciosidades: Estatuetas de faiança (esmaltadas com estanho), as maiores encontradas fora do Egito

No dia 24 de março último, em Paris, o presidente francês Emmanuel Macron inaugurou uma exposição que transcende a arqueologia. Dedicada à antiga cidade libanesa de Byblos, a mostra percorre mais de sete mil anos de história – porém fala, sobretudo, do presente.

Intitulada “Byblos: a cidade milenar do Líbano”, a mostra em cartaz no Instituto do Mundo Árabe revela um dos agrupamentos urbanos continuamente habitados mais ancestrais da humanidade. Ao mesmo tempo, surge como um ato político e simbólico em meio à guerra que volta a devastar o país.

Durante a inauguração, ao lado do ministro da Cultura do Líbano, Ghassan Salamé, Macron não se limitou apenas ao discurso cultural.

“Nessa altura em que alguns querem nos fazer acreditar que a segurança só se consegue

“Quando querem nos fazer acreditar que segurança só se consegue invadindo um vizinho assustador. O Líbano lembra-nos da força do universalismo”
Emmanuel Macron

invadindo um vizinho assustador”, afirmou, “o Líbano lembra-nos apenas de uma coisa: a força do universalismo”.

A declaração ecoa em um contexto dramático, já que a ofensiva israelense no território libanês intensificou-se nas últimas semanas, com bombardeios, incursões terrestres e um saldo humano alarmante: mais de mil mortos e até um milhão de deslocados, segundo autoridades locais. A escalada se insere em um conflito regional



Homens ao mar: Âncoras ancestrais são testemunho de uma civilização que dominou os oceanos na Antiguidade



Diversidade: A escultura com elementos egípcios mostra a interação de Byblos com os povos vizinhos

Ocidente e Oriente: O presidente francês Emmanuel Macron e o ministro da Cultura libanês, Ghassan Salame, na abertura da mostra



mais amplo, envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, com a milícia Hezbollah atuando como protagonista militar no sul do Líbano.

UMA CIDADE, SETE MILÊNIOS

Banhada pelo Mediterrâneo, Byblos é mais do que um sítio arqueológico: trata-se de um símbolo civilizacional. Habitada desde cerca de 6900 a.C., a cidade foi durante milênios um elo entre o Egito, a Mesopotâmia e o restante do Mediterrâneo.

Ali floresceram o comércio, a escrita e formas iniciais de vida urbana que moldaram o mundo antigo. Hoje, classificada como patrimônio da humanidade pela UNESCO, Byblos continua a definir a identidade do Líbano no imaginário global.

A presente exposição reúne cerca de 400 artefatos — de ferramentas pré-históricas a joias da Idade do Bronze, esculturas e objetos funerários — compondo um retrato profundo de uma civilização cuja herança permanece viva.

AUSÊNCIAS RUIDOSAS

Originalmente prevista para 2024, a mostra foi

Hoje, classificada como Patrimônio da Humanidade pela Unesco, Byblos continua a definir a identidade do Líbano no imaginário global

adiada repetidas vezes. A guerra impôs obstáculos concretos: custos de seguro dispararam, rotas tornaram-se instáveis e peças fundamentais nunca chegaram a Paris.

Um carregamento de esculturas em pedra foi cancelado depois de uma nova escalada militar. Outros objetos — como um obelisco do terceiro milênio a.C. — foram considerados valiosos demais para enfrentar os riscos do transporte. O resultado é uma exibição marcada por lacunas visíveis onde algumas vitrines permanecem vazias.

Longe de serem falhas, essas ausências foram

incorporadas ao conceito curatorial. Para a curadora Tania Zaven, o gesto é deliberado, tornando visível o impacto da guerra sobre o patrimônio. “É uma forma de resistência cultural”, resume.

CULTURA COMO RESISTÊNCIA

Ao percorrer a exposição, o visitante atravessa milênios de história sob a constante lembrança de sua fragilidade no presente. Cada peça exibida carrega não apenas valor histórico, mas também o peso da sobrevivência.

Anne-Claire Legendre, primeira mulher a liderar a instituição, destacou o caráter excepcional da iniciativa: “Uma exposição realizada com determinação, coragem e confiança, em um contexto particularmente complicado”. Ela também reforça o projeto além da celebração cultural, definindo-o como um compromisso com a preservação. “Assinala tanto a história milenar do Líbano como nos chama ao dever de protegê-la de qualquer apagamento”.

A guerra impôs obstáculos concretos: custos de seguros dispararam, rotas tornaram-se instáveis e peças fundamentais nunca chegaram a Paris



Memória de pedra:
Registro em baixo relevo da atividade marítima dos habitantes de Byblos

Os vínculos que unem França e Líbano atravessam séculos e incluem cooperação cultural, influência linguística e missões arqueológicas

Da Idade do Bronze: Representação em folha de ouro de divindade alada



LAÇOS HISTÓRICOS

A dimensão política de “Byblos: a cidade milenar do Líbano” igualmente se apoia na longa relação entre os dois países. Os vínculos que unem França e Líbano atravessam séculos e incluem cooperação cultural, influência linguística e missões arqueológicas que, desde o século 19, ajudaram a construir o conhecimento moderno sobre sítios como Byblos.

Essa colaboração está no centro da mostra, concebida em parceria com o Ministério da Cultura libanês e a Direção-Geral de Antiguidades. Mais do que uma exposição, presenciamos um esforço conjunto de preservação em tempo de guerra.

O presidente Macron sintetizou o gesto ao definir sua presença como “um sinal de estima, respeito e amizade”. Mas suas palavras também carregavam um posicionamento claro: celebrar o passado também é, neste momento, defender a soberania do Líbano.

UM FUTURO EM DISPUTA

A presença do ministro Salamé em Paris reforçou a dimensão diplomática do evento. Representando o presidente Joseph Aoun, ele agradeceu o apoio francês e destacou a importância da cooperação internacional para a reconstrução do país. Nos bastidores, Salamé tem

Cultura, política e resistência:
Emmanuel Macron ladeado por Tania Zaven, diretora do sítio arqueológico de Byblos, e pelo embaixador libanês Rabih Chaer



Nos bastidores, o ministro Salamé tem participado de reuniões emergenciais voltadas à proteção de sítios arqueológicos ameaçados pelos ataques

participado de reuniões emergenciais voltadas à proteção de sítios arqueológicos ameaçados pelos ataques — uma corrida contra o tempo para salvar fragmentos de um passado milenar.

“Byblos: a cidade milenar do Líbano” permanece em exibição até 23 de agosto de 2026, no Instituto do Mundo Árabe.

Mais do que uma viagem no tempo, a mostra se impõe como um testemunho do presente — e um lembrete poderoso de que, em meio à guerra, preservar a memória é um ato de resistência. ■



Espelho com cabo de papiro em ouro e prata, encontrado no Túmulo 2 da necrópole real de Byblos

HISTÓRIA



Byblos romana:
Ruínas do
anfiteatro à
beira mar



Byblos hoje: Ao norte
de Beirute está um
dos mais antigos
centros urbanos
continuamente
habitado no mundo. E
segue rumo ao futuro

BYBLOS, BERÇO DA CIVILIZAÇÃO

De pequeno assentamento de pescadores a importante centro comercial mediterrâneo da Antiguidade, a milenar cidade libanesa resiste até os nossos dias. Com todo o valor e bagagem histórica de um lugar que sempre existiu

Nesta época, quando a preservação do patrimônio libanês e a transmissão de seu legado cultural representam grandes desafios, o Instituto do Mundo Árabe dedica a excepcional mostra “Byblos: A Cidade Milenar do Líbano” à celebração de um dos mais antigos locais continuamente habitados da história humana.

O evento convida o visitante a uma imersão profunda na história do primeiro porto marítimo internacional do mundo. Byblos desempenhou um papel fundamental na história das civilizações do Mediterrâneo, ligando a costa libanesa ao Egito, à Mesopotâmia e ao mundo egeu desde os primórdios da antiguidade,

forjando laços únicos com os faraós e, ao mesmo tempo, desempenhando importante papel na disseminação do alfabeto fenício por toda a região.

O Obelisco de Abishemou, o mosaico do rapto de Europa e mais 400 peças extraordinárias, exibidas em uma ambientação espetacular, possibilitam uma visita única à cidade certificada pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade. São quase 9.000 anos de história marcados por mercadores, reis e faraós. É possível descobrir com exclusividade os mais recentes achados no antigo porto e nas escavações que revelaram o portão sul da cidade, além de uma necrópole da Idade do Bronze que permanece intacta até os dias de hoje.

Da pesca local ao comércio internacional, Byblos é a melhor prova da urbanização da



Byblos medieval: O castelo dos Cruzados, construído a partir de 1104, é a estrutura mais imponente do vasto sítio arqueológico



Byblos turística: Pitorescos café, pequenas lojas e uma incrível atmosfera mediterrânea. Os tradicionais souks são parte essencial da experiência de quem visita a cidade



Byblos balneário: O porto histórico na orla marítima da velha cidade



Byblos milenar: Vista das ruínas do antigo Templo dos Obeliscos

A partir de 3200 a.C., tornou-se um dos principais portos do Mediterrâneo, e assim permaneceu por mais de 2000 anos

região, que começou no início do 3º milênio a.C. O sítio arqueológico testemunha a ocupação humana contínua e o desenvolvimento desde os primeiros assentamentos de uma comunidade de pescadores, há 9.000 anos, até os dias atuais. A cidade da Idade do Bronze é o coração da exposição, um dos primeiros e mais impressionantes exemplos de cidade-estado no mundo mediterrâneo. Mas os visitantes também são convidados a conhecer a Byblos fenícia, helenística, romana e, finalmente, as histórias daqueles que ainda habitam o coração pulsante da histórica cidade medieval.

Byblos situa-se em um promontório com vista

para o Mediterrâneo, 40 km ao norte da atual Beirute. A partir de 3200 a.C., tornou-se um dos principais portos do mediterrâneo e assim permaneceu por mais de 2000 anos. A cidade deve esse status à relação singular que estabeleceu, principalmente com os faraós do Egito, em torno do comércio do cedro. Byblos de fato encontra-se aos pés das grandes florestas de cedro, cuja madeira é apreciada desde a antiguidade na construção, por sua fragrância pela resina que era utilizada no processo de mumificação.

TESOUROS DE REIS E TEMPLOS

Os tesouros descobertos na necrópole real e nos templos da cidade, datados do início do segundo milênio a.C., são um dos destaques da mostra. Apresentando uma seleção dos túmulos dos reis Byblos Abi-Shemou e Yapi-Shemou-Abi. São utensílios de mesa em ouro e prata, ornamentos de ouro incrustados com pedras semipreciosas, espelhos, armas cerimoniais e muito mais. Várias dessas peças carregam forte influência egípcia, outras vieram diretamente do Egito - como presentes dos faraós Amenemhat 3º

e 4º. As oferendas votivas do Templo dos Obeliscos não são menos ricas, ostentando estatuetas de faiança, machados fenestrados de ouro e prata, adagas cerimoniais, joias e a impressionante coleção de centenas de figuras humanas em bronze, algumas banhadas a ouro.

UMA NECRÓPOLE IMACULADA

O sítio arqueológico de Byblos, explorado desde o século 19 por Ernest Renan, ainda guarda muitos segredos, alguns dos quais foram recentemente

Tesouros descobertos na necrópole real e nos templos da cidade, datados do segundo milênio a.C. são um dos destaques da mostra

revelados e estão sendo apresentados ao público pela primeira vez, constituindo as seções centrais da exposição. A recente e singular descoberta de uma necrópole pertencente à alta classe e às elites da cidade durante a Idade do Bronze Médio (cerca de 1800 a.C.), permanece completamente intacta — uma raridade na região — é um dos principais destaques da mostra. Desde 2019, a necrópole tem sido objeto de escavações arqueológicas como parte de uma colaboração entre a Direção Geral de Antiguidades do Líbano e o Departamento de Antiguidades do Oriente Próximo do Museu do Louvre.

Esta apresentação constitui um vislumbre da campanha de escavação e dos artefatos desenterrados, que já revolucionaram nossa compreensão da organização social e econômica da icônica cidade marítima que se mantém em pé há milênios. ■

GENTE QUE FAZ

CASA DA GRANDE ARTE

Impacto visual: Vista da Fundação de Arte Bassam Freiha, projetada por Rasha Gebran, diretora de Arquitetura e Design da A.D.D. Consultants, 2024

Blockbuster: A fila, quase permanente, em frente à loja da marca na rua Oscar Freire, nos Jardins, em São Paulo

Legado de um homem de comunicação atuante na diplomacia e engajado nas causas sociais, a Fundação de Arte Bassam Freiha amplia o protagonismo cultural de Abu Dhabi no cenário internacional

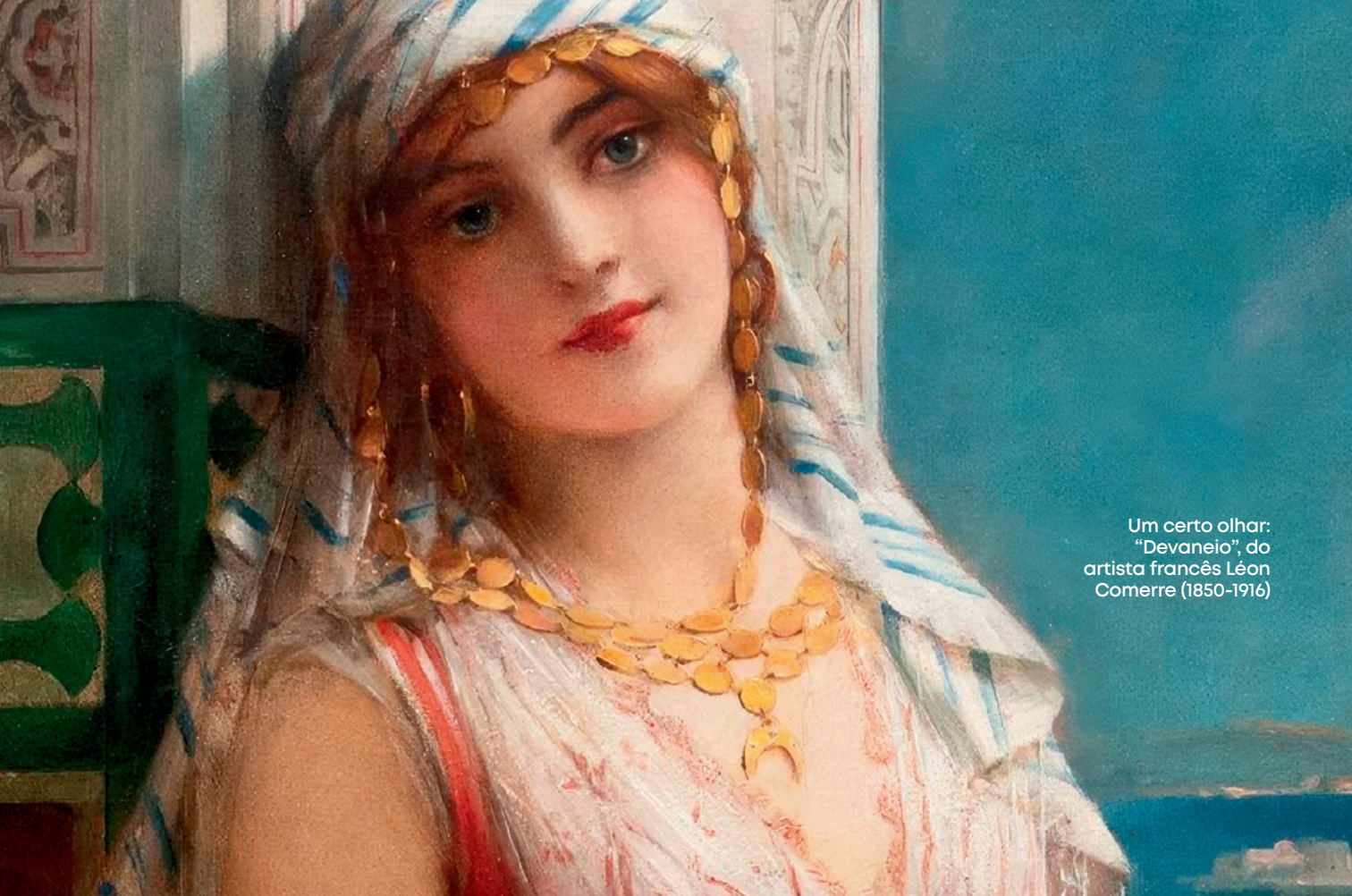
FOTOS: BASSAM FREIHA ART FOUNDATION



Fascínio oriental: "Odalisca", óleo sobre tela, sem data, do austríaco Rudolf Ernst (1854-19320) Imagem: Cortesia da Coleção Bassam Freiha



Contemplação: O ambiente convida o visitante a observar com calma e demoradamente o acervo de obras orientalistas da Fundação



Um certo olhar:
"Devaneio", do
artista francês Léon
Comerre (1850-1916)



Exuberância:
Uma das telas
da preciosa
Coleção
Bassam Freiha

A Fundação de Arte Bassam Freiha (BFAF), inaugurada em março de 2024, vem se consolidando como um dos projetos culturais privados mais relevantes do Distrito Cultural de Saadiyat, em Abu Dhabi. Primeira fundação de arte privada a integrar oficialmente o complexo — que reúne instituições como o Louvre Abu Dhabi e o Manarat Al-Saadiyat —, a BFAF reforça a estratégia dos Emirados Árabes Unidos de se posicionarem como um polo global de produção, reflexão e difusão artística.

Idealizada pelo filantropo e colecionador Bassam Said Freiha, a fundação nasce com uma proposta clara: abrir ao público coleções privadas de alto valor artístico e criar um espaço permanente de diálogo entre a arte do mundo árabe, do Oriente Médio e a produção internacional. A iniciativa também reflete uma tendência crescente na região, em que colecionadores e mecenas assumem um papel

ativo na construção de instituições culturais com vocação pública.

Desde a sua abertura, a BFAF tem apresentado uma programação expositiva que combina obras históricas, arte moderna e produções contemporâneas, estabelecendo pontes entre diferentes épocas, estilos e geografias. As exposições abordam temas como identidade cultural, memória, orientalismo, abstração, caligrafia árabe e herança visual do mundo islâmico, sempre buscando provocar uma leitura crítica e contextualizada das obras apresentadas.

A fundação também se destaca por dar espaço a artistas árabes e regionais de projeção internacional, ao mesmo tempo em que insere seus trabalhos em diálogo com nomes consagrados da história da arte global. Essa abordagem reforça o compromisso da instituição com a valorização da produção artística do Sul Global, sem isolá-la de debates universais.

Outro eixo central da atuação da Fundação de Arte Bassam Freiha é a educação artística. O

espaço abriga uma Galeria Educacional dedicada a programas pedagógicos, exposições de estudantes, oficinas práticas, palestras e encontros com artistas, curadores e pesquisadores. A proposta é formar novos públicos, estimular o pensamento crítico e ampliar o acesso à arte para além dos circuitos tradicionais.

EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Do ponto de vista arquitetônico, o edifício da BFAF foi concebido com uma linguagem contemporânea e minimalista, marcada por volumes geométricos, contrastes de luz natural e transparência. A arquitetura busca não apenas abrigar as obras, mas também criar uma experiência sensorial e contemplativa para o visitante. O complexo inclui galerias principais, espaços expositivos anexos, áreas multifuncionais e um jardim de esculturas ao ar livre, integrado ao entorno do distrito cultural.

A experiência do público é complementada por áreas de convivência, como o Café des Artistes, que

A arquitetura busca não apenas abrigar as obras, mas também criar uma experiência sensorial e contemplativa

reforça a ideia da fundação como um espaço vivo, voltado ao encontro, à troca e à permanência.

Ao combinar acesso gratuito, programação curatorial consistente, investimento em educação e uma arquitetura pensada para o diálogo com a arte, a Fundação de Arte Bassam Freiha amplia o papel das iniciativas privadas na construção do ecossistema cultural de Abu Dhabi. Mais do que um novo espaço expositivo, a instituição se afirma como um agente ativo na redefinição do lugar do mundo árabe no mapa cultural contemporâneo.

BASSAM SAID FREIHA

Comunicação, arte e diplomacia cultural no mundo árabe

Empresário, editor, colecionador de arte e filantropo, o libanês Bassam Said Freiha é uma das figuras mais influentes da cena cultural e editorial do Oriente Médio. Com uma trajetória que atravessa o jornalismo, a diplomacia informal e o colecionismo de arte, Freiha construiu uma atuação internacional marcada pelo diálogo entre o mundo árabe e o Ocidente.

Nascido em Beirute, em novembro de 1939, Bassam Said Freiha é filho de Said Freiha - jornalista proeminente e pioneiro, fundador da revista "Assayad", em 1954, e "Al-Anwar", cuja primeira edição foi publicada em 25 de agosto de 1959. Administrado como uma empresa familiar, dirigido pelo próprio Freiha como CEO - tendo seu irmão mais velho, Issam, como presidente do conselho, e sua irmã, Elham, como diretora administrativa - "Dar Assayad" tornou-se um complexo editorial responsável por 11 publicações, incluindo "Assayad", "Al-Anwar", "Achabaka", "Fairuz", "Samar", "Middle East Observer Magazine" e outras. Mais tarde firmou-se como um dos principais grupos de mídia pan-árabes, com escritórios em Abu Dhabi, Cairo, Damasco, Dubai, Kuwait e Riad - encerrando suas atividades em 2018. Em abril de 1991, Bassam Said Freiha foi

nomeado embaixador do Estado de Belize junto à UNESCO, em Paris.

Além de empresário de comunicação, Freiha desempenhou papel relevante na diplomacia libanesa, atuando, desde o fim da década de 1970, como enviado especial e conselheiro de presidentes do Líbano. Sua atuação, discreta e estratégica, esteve voltada para a construção de canais de diálogo em contextos regionais marcados por conflitos e instabilidade política.

O compromisso de Bassam Said Freiha com causas sociais também se reflete em iniciativas de apoio à saúde, educação e assistência humanitária, especialmente no Líbano, país que enfrenta sucessivas crises econômicas e políticas. Para Freiha, a cultura e o conhecimento funcionam como ferramentas de aproximação entre povos e como instrumentos de preservação da memória histórica.

Ao unir comunicação, arte e filantropia, Bassam Said Freiha consolida-se como uma figura-chave da diplomacia cultural contemporânea no mundo árabe, com uma atuação que reforça o papel da cultura como ponte entre sociedades distintas — inclusive no diálogo com países como o Brasil, onde o interesse pela produção cultural do Oriente Médio tem crescido de forma consistente. ■



Maguelonne Lefebvre - Glaize. O Músico, 1896



Mais uma obra que transmite a essência do Oriente



Arte como paixão: Bassam Freiha transformou as obras que colecionou ao longo da vida em espaço de conexão, inspiração e puro deleite aos sentidos

MEMÓRIA

A NOITE EM QUE ROBERTO MARINHO SE TORNOU MASCATE

Tudo aconteceu, há quase meio século, em um jantar no Clube Monte Líbano carioca. E as palavras proferidas na ocasião - sobretudo pelo presidente das Organizações Globo - ainda reverberam na comunidade libanesa e encontram eco nos atuais acontecimentos do Oriente Médio

FOTOS: MEMÓRIA ROBERTO MARINHO



Uma noite no Rio Noite em 1978: O homenageado Roberto Marinho - sentado, à direita - com Salomão Saadi, Fêkie Bedran Sufan e seu pai, o empresário Wadih Jorge Bedran

O prêmio (O Mascate) foi entregue a Roberto Marinho por Fêkie Bedran Sufan, filha de Jorge Bedran, histórico dirigente do Monte Líbano

A segunda-feira de 3 de julho de 1978 permanece marcada como ocasião memorável na história do Clube Monte Líbano no Rio de Janeiro. Naquela noite, um jantar para mais de 300 convidados reuniu grandes representantes da colônia libanesa local, autoridades e personalidades da sociedade carioca em torno do jornalista e empresário Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, que recebia da entidade o título de “O Homem que mais Trabalhou pelo Progresso e pela Divulgação no Brasil”. Marinho recebeu então a estatueta de bronze - de autoria da escultora Marmura - intitulada “O Mascate”.

Mas como um homem poderoso, proprietário do mais influente grupo de comunicação nacional, tornou-se um “mascate honorário”? A explicação veio do presidente do Monte Líbano na época, Salomão Saadi: “O mascate é um símbolo do primeiro libanês que aportou no Brasil. Mesmo sem dispor de recursos e dinheiro, veio em busca da terra do ouro prometido”, discursou ele. “[O mascate] iniciou seu trabalho, comercializando produtos, servindo e suprindo as pessoas em todos os cantos e rincões do país. Estabelecendo o moderno comércio e trazendo desenvolvimento. Tal como tem feito o doutor Marinho que, por meio de seus jornais, suas televisões e suas estações de rádio, tem colaborado para que se conhecessem as notícias de norte a sul, unindo o Amazonas ao Chuí, o São Francisco ao Rio da Prata”.

Marcaram presença na ocasião a diretoria do clube, familiares e assessores do homenageado. Bem como presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde; o cônsul-geral do Líbano, Suleiman Farah; o cônsul-geral da Áustria, Andreas Somogyi; o cônsul-geral do Egito, ministro Nabil M. Badr; o presidente da Assembleia Legislativa do Estado, deputado Cláudio Moacyr; o comandante do 1º Distrito Naval, almirante Paulo Barroso; o comandante da 1ª Região Militar, general Antônio Ferreira Marques; o presidente de honra do Monte Líbano, comendador João Jabour; o secretário de Segurança do Rio, general Rubens Brum Negreiros; o senador Benjamin Farah; o ex-governador Antônio Pádua de Chagas Freitas; o coronel Paulo Zouain, representando o prefeito Marcos Tamoyo; o presidente do antigo partido Arena no Rio de Janeiro, deputado Alair Ferreira; Hermenegildo de Sá Cavalcanti, representando o governador do Ceará; e o diretor da revista “Manchete”, Justino Martins.

O prêmio foi entregue a Roberto Marinho por Fêkie Bedran Sufan, filha do empresário Wadih Jorge Bedran, histórico dirigente do Monte Líbano. Em seu discurso ela destacou: “Em nome de um ex-padeiro, de um ex-sapateiro, de um ex-pedreiro, de um ex-mascate, em nome de um homem que veio do nada e que hoje procura ser o que é, me dirijo ao senhor, Roberto Marinho. Meu pai gostaria de tornar pública a vida de todos nós, libaneses. Mas como reconstituir tantos anos em tão pouco tempo? Deixo a solução com outra filha de imigrante libanês, a escultora Marmura. Em seu

trabalho, ela conseguiu captar a expressão exata de todo aquele que um dia deixou a sua terra em busca de um mundo melhor com sua obra, ‘O Imigrante’”.

Além da estatueta, o empresário e jornalista recebeu uma placa de ouro com a inscrição: “A Roberto Marinho, expoente da comunicação, através do jornal, redes de rádio e Redes TV Globo, ofereço esta estatueta simbolizando ‘O Mascate’, que em seu tempo, além de comerciar, desempenhava o exercício da comunicação, trazendo e levando notícias. Do antigo mascate, hoje honrado como carioca honorário – Wadih Jorge Bedran”.

No encerramento da cerimônia, o presidente Salomão Saadi aproveitou a oportunidade para pedir, em nome da comunidade libanesa, a ajuda do jornalista na divulgação e denúncia da situação enfrentada pelo Líbano. Na época, a Terra dos Cedros vivia uma terrível guerra civil, ameaçando a existência de toda a população. “Pela falta de comunicação dos fatos, os problemas se sucederam, agora não só entre irmãos que matam irmãos, mas contra exércitos estrangeiros que, a pretexto de servir ao Líbano, lá penetram para dele se servir e levar este pequeno país ao extermínio. Este país, que é o último baluarte de uma civilização cristã ocidental no Oriente Próximo. E nesta hora, em que tanto se fala em direitos humanos, apelamos para vossa excelência, doutor Roberto Marinho, como brasileiros que somos, um minuto para o nosso Líbano, que é um patrimônio do mundo civilizado, e que jamais poderá desaparecer”, exaltou ele, com palavras que ecoam e nos fazem lembrar por demais os dias atuais.

O DISCURSO QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA

Também se chamou a atenção para a trajetória das Organizações Globo e do seu papel conciliador e equilibrado, mesmo diante de grupos políticos que, à direita ou à esquerda, apelavam ao extremismo. Sem esquecer a trajetória de Irineu Marinho, pai do doutor Roberto que, após deixar a direção do jornal “A Noite”, fundou “O Globo”, publicado pela primeira vez no dia 29 de julho de 1925, em duas edições e um total aproximado de 40 mil exemplares. Irineu viria a falecer poucos dias depois, vítima de infarto. A princípio, a direção do jornal foi assumida pelo jornalista Eurycles de Mattos, que morreu em 1931, quando Roberto Marinho, aos 26 anos, assumiu o cargo de diretor-redator-chefe, dando início a um processo de crescimento da empresa e abraçando as grandes causas da nação.

Ao receber a homenagem do Clube Monte Líbano, o diretor-redator-chefe de “O Globo” pronunciou um histórico discurso de agradecimento. Conheça, abaixo, suas palavras:

“Quero agradecer as palavras generosas com que o presidente Salomão Saadi se referiu à minha pessoa.

Agradeço também o que o presidente do Clube Monte Líbano falou sobre a contribuição que a Organização Globo vem dando à comunidade e ao país, por intermédio do trabalho criador que procuramos realizar em nosso jornal, em nossas emissoras de rádio e de televisão.

Demonstrações como esta, de uma entidade de tão vasto prestígio social, servem também para, uma vez mais, alertar-nos sobre o importante papel social

Do discurso de Roberto Marinho: “O mascate sempre foi visto e simbolizado como um cordial e pacífico amigo do desenvolvimento nacional”

“Os mascates libaneses davam amparo logístico de abastecimento (...) a outros pioneiros que se arriscavam floresta adentro”

que a nossa organização desempenha, e de cujas responsabilidades nunca nos omitiremos.

Ao sr. Wadih Jorge Bedran, a quem fizemos a justiça de distinguir como “carioca honorário”, bem como à sua filha, senhora Fêkie Bedran Sofan, apresento um agradecimento especial, por ter-me presenteado com um bronze que simboliza a figura do mascate, tão lendária, tão viva e tão cheia de significados na vida do interior brasileiro.

Realmente, se os libaneses e seus descendentes de nada mais tivessem que orgulhar-se de sua larga contribuição a este país, bastaria que se recordasse a epopeia do mascate, esse bandeirante humilde, mas eficaz, cuja ação e diligência se confundem com a própria interiorização do progresso e das condições para melhoria de vida das populações do hinterland brasileiro.

O mascate sempre foi visto e simbolizado com um cordial e pacífico amigo do desenvolvimento nacional.

Mas conta-se que, não foi assim, no começo deste século, quando Plácido de Castro, o gaúcho valente e rebelado, decidiu impor à força a anexação definitiva do Território do Acre ao Brasil.

Há testemunhos de que os mascates, também embrenhados naqueles confins da Amazônia, não foram assim tão pacíficos. Pois trocaram suas canastras pelas mochilas de guerra, engajando-se de corpo e alma, nas hostes brasileiras de Plácido de Castro, formando todo um batalhão de luta, com várias dezenas de voluntários.

Nas décadas que se seguiram, os mascates libaneses davam o amparo logístico de abastecimento de remédios, roupas, ferramentas e

alimentos aos outros pioneiros que se arriscavam floresta adentro, na exploração da borracha e das riquezas naturais da Amazônia.

Enquanto por aqui, no centro do país, falava-se da Amazônia como uma lenda, ou até quase como um estranho mundo-extraterreno – lá estavam, nos meandros dos paranás, dos furos e dos igarapés, os “regatões” dos libaneses, levando aos heroicos eremitas da batalha da borracha tudo de que precisavam.

Bem sabemos que essa inclinação para a aventura e o bandeirantismo tem raízes milenares ou atávicas, que vêm de duas matrizes hereditárias, cuja característica era a inquietação do movimento: os navegantes fenícios e o nomadismo beduíno.

Mas há por igual uma outra característica que parece fundamental entre os libaneses que vieram enriquecer o amálgama racial brasileiro: a fascinação pelas coisas do espírito e da inteligência.

Isto torna a colônia libanesa uma das grandes semeadoras de cultura, de conhecimentos, através da onipresença de seus descendentes em todos os ramos de atividades científicas, tecnológicas ou intelectuais do país.

Não preciso citar nomes, diante dos patriarcas ou dos representantes das próprias famílias ou grupos que assim têm procedido.

Aquele pequeno batalhão, que as armara para apoiar e ombrear com Plácido de Castro, transformou-se nos dias atuais em legiões de jovens brasileiros, de ascendência libanesa, equipados agora com o mais moderno e variado instrumental da cultura – ajudando o Brasil a romper o caminho na grande batalha da inteligência e do progresso.

Além de se destacarem em todas as formas de

trabalho intelectual e do comércio de utilidades, os libaneses ou seus descendentes fizeram também a opção do campo e da bigorna.

E vemos, por exemplo, com entusiasmo, que os maiores produtores de café do Brasil descendem de rijo tronco libanês aqui implantado há duas gerações. E que eles próprios se colocam também entre os maiores produtores de uma riqueza agroindustrial da maior significação para a economia do país – o açúcar e o álcool.

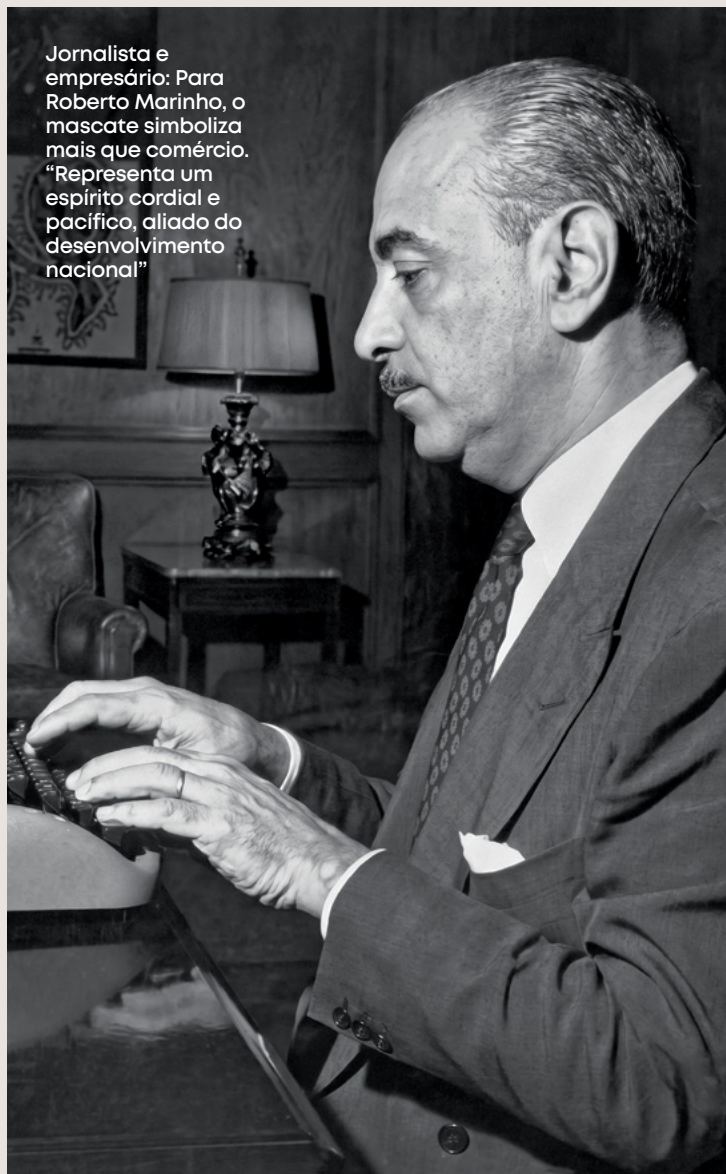
E são numerosas as atividades industriais em que os descendentes de libaneses assumiram posições de destaque e liderança.

Por tudo isto, partindo de quem parte, vindo de brasileiros por opção ou já por nascimento, essa homenagem tanto me desvanece, a mim e aos que me são caros.

A vida da imprensa é muito vertiginosa para que nos detenhamos nos ângulos, nos receios passados. Eu fiquei muito feliz hoje de ouvir do presidente desta agremiação tão prestigiosa, tão útil à coletividade carioca e brasileira, a evocação de algumas poucas coisas que podemos fazer pelo nosso país, bem menores do que aquelas que sempre desejamos. Quero fazer um agradecimento muito especial a todos os que aqui se encontram, libaneses, brasileiros, e filhos de libaneses que vieram para me prestigiar.

Sou muito grato a todos e desejo dirigir um fraternal e muito sincero agradecimento a todos os que aqui compareceram. Muito obrigado!”

Roberto Marinho
Jornalista e presidente das Organizações Globo ■



Jornalista e empresário: Para Roberto Marinho, o mascate simboliza mais que comércio. “Representa um espírito cordial e pacífico, aliado do desenvolvimento nacional”

“...sabemos que essa inclinação para a aventura e o bandeirantismo tem raízes milenares (...) os navegantes fenícios e o nomadismo beduíno”

ENTREVISTA

MÔNICA CURY

“O BRASIL
PEDE MAIS
DO QUE
DISCURSOS,
PEDE
VERDADE”

Preparando-se para a campanha eleitoral de 2026 - como candidata a deputada estadual por São Paulo - a procuradora fala de suas expectativas, liderança feminina e a dedicação pela área social

Compromisso com as pessoas: Em sua plataforma, a candidata reforça o foco nas áreas sociais, na geração de oportunidades e na educação — pilares fundamentais de transformação



FOTO: ERNESTO EILERS

Em uma bem-sucedida trajetória, além do capital político conquistado nos últimos anos, Mônica investe na atuação como articuladora intersetorial, entre a vida pública e a sociedade civil

Procuradora Municipal na cidade de Cândido Mota e vereadora - com votação histórica em 2020 - em Salto Grande, ambas no interior paulista, Mônica Cury também se destaca como palestrante - nas áreas de terceiro setor, conciliação e mediação de conflitos, mulheres na política e empreendedorismo no setor público. Agora ela dá mais um passo em uma bem-sucedida trajetória, disputando o cargo de deputada estadual nas eleições de outubro deste ano, pelo partido União Brasil. Além do capital político conquistado nos últimos anos, Mônica investe na atuação como articuladora intersetorial, entre a vida pública e a sociedade civil. E afirma: “Meu compromisso é com as pessoas”.

CARTA DO LÍBANO: As próximas eleições devem ter um caráter histórico para o país. Como a senhora vê o pleito – levando em conta as forças políticas em jogo – quais as suas expectativas e a estratégia para fazer a diferença e chegar junto ao eleitor?

MÔNICA CURY: Acredito profundamente que estamos diante de um momento de virada. O Brasil pede mais do que discursos – pede verdade, presença e compromisso real com as pessoas. Sinto nas ruas um desejo sincero de mudança, de reencontro com uma política que escuta, acolhe e resolve. Minha estratégia nasce do coração: estar perto, olhar nos olhos, ouvir histórias e transformar essas vozes em ações concretas. Quero

construir uma política com alma, onde cada pessoa se sinta representada e respeitada.

CARTA: A senhora vê avanço nas lideranças femininas na política brasileira e acredita que elas vão exercer um papel fundamental no pleito 2026, com ainda maior poder de influência e mudança? Por quê?

MÔNICA: Sim, vejo esse avanço com muita emoção e esperança. Cada mulher que ocupa um espaço de liderança carrega consigo muitas outras que vieram antes e abriram caminhos. Em 2026, acredito que essa força será ainda mais visível. As mulheres têm trazido mais empatia, responsabilidade e coragem para a política. Somos firmes, mas também sabemos cuidar – e o Brasil precisa exatamente desse equilíbrio.

CARTA: Em quais frentes a senhora pretende atuar com maior ênfase e por quê?

MÔNICA: Meu compromisso é com as pessoas. Quero atuar com força nas áreas sociais, na geração de oportunidades e na educação, porque sei que é aí que a vida realmente pode mudar. Também carrego comigo um olhar muito especial para a cultura, para as raízes e para as comunidades – porque identidade é dignidade. Acredito em um desenvolvimento que não deixa ninguém para trás e que respeita a história de cada um.

CARTA: Como a senhora descreve sua trajetória na política e como foi o chamado que a levou a se dedicar à vida pública?

MÔNICA: Minha trajetória não começou na política, começou nas pessoas. Começou ouvindo, ajudando, estando presente. Sempre senti um incômodo diante das injustiças e uma vontade enorme de fazer mais. O chamado veio de forma natural, quase como uma missão. Percebi que podia ampliar minha atuação, transformar vivências em políticas públicas e dar voz a quem muitas vezes não é ouvido. E desde então, sigo com propósito e responsabilidade.

CARTA: Quais mulheres a inspiraram na política e em sua trajetória pessoal?

MÔNICA: Minha maior inspiração vem de dentro de casa, da minha história e das mulheres que me formaram. Minha avó, Maria Wilma, foi uma mulher de força e sabedoria imensuráveis, daquelas que ensinam pelo exemplo, com coragem e dignidade. Minha tia, Rosely Cury, uma mulher visionária, que sempre acreditou no futuro e na capacidade de transformar realidades. São elas que moldaram quem sou hoje. Carrego em mim seus ensinamentos, sua coragem e sua fé. E é por elas – e por tantas outras mulheres – que sigo em frente.

CARTA: A senhora é considerada uma das maiores lideranças do interior paulista. Como é enfrentar as obrigações, exigências e expectativas que essa posição representa?

MÔNICA: Recebo essa responsabilidade com muita humildade e um profundo senso de missão. Sei que cada expectativa carrega sonhos, necessidades e confiança. Não encaro isso como um peso, mas como um

compromisso de estar à altura, de trabalhar com seriedade e de nunca perder a sensibilidade. Liderar, para mim, é servir com verdade.

CARTA: Como descendente de árabes, qual a sua visão do atual conflito no Oriente Médio, sobretudo em relação ao Líbano?

MÔNICA: Falar do Líbano é falar de uma parte do meu coração. É impossível não se emocionar diante da dor de um povo tão resiliente, tão cheio de história e de vida. Acompanho tudo com muita preocupação e tristeza, mas também com esperança. Acredito na paz, no diálogo e na força das pessoas que, mesmo diante das dificuldades, continuam resistindo. Como descendente, sinto um dever ainda maior de manter viva essa conexão, de valorizar essa cultura e de ser uma ponte de solidariedade.

CARTA: Como a senhora vê o interesse e o engajamento de uma nova geração de mulheres brasileiras em posições de liderança nas áreas social, econômica e política? E qual o seu conselho para jovens que decidem escolher esse caminho?

MÔNICA: Vejo com muita emoção e orgulho. É uma geração que não aceita limites impostos, que sonha grande e que quer fazer a diferença. Meu conselho é simples, mas profundo: acreditem em vocês. Não deixem que ninguém diga onde vocês podem ou não chegar. Se preparem, estudem, persistam – mas, acima de tudo, não percam sua essência. O mundo precisa da coragem, da sensibilidade e da força de cada uma de vocês. ■

“A minha maior inspiração vem de casa, da minha história e das mulheres que me formaram. Minha avó, Maria Wilma, uma mulher de força e sabedoria imensuráveis, daquelas que ensinam pelo exemplo”

ELIAS FARHAT

UM POETA ARABE NAS MINAS GERAIS

Há cem anos um imigrante libanês dava início a sua trajetória poética onde se mesclam engajamento político, amor pela liberdade, ação humanitária, Oriente e Ocidente. Entre o amor pela terra natal e o acolhimento de uma terra estrangeira

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Resgate oportuno: Elias Farhat, com sensibilidade e forte ligação às raízes árabes, o poeta construiu uma obra marcada pelo lirismo, memória e identidade cultural

A obra de Elias Farhat estabelece veículos culturais entre o Oriente Médio e o Brasil. Apesar do reconhecimento em seu tempo, o poeta é pouco lembrado em BH

Jacyntho Lins Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras, observou que Elias Farhat (1893-1976), que em sua época foi considerado o “príncipe dos poetas árabes”, mesmo tendo vivido em Belo Horizonte, ainda é pouco conhecido na cidade, no estado de Minas Gerais e no Brasil. Daí a iniciativa para a criação do evento “Elias Farhat: O Príncipe dos poetas árabes entre nós”, que aconteceu na capital mineira nos dias 4 e 5 de dezembro de 2025.

“É com satisfação que a AML se associa à comunidade líbano-brasileira nesse evento em sua homenagem. Fica o convite a todos que queiram apreciar a inspiração e destreza desse poeta admirável”, declarou Brandão na abertura dos trabalhos. A data escolhida marcou o centenário da produção literária de Elias Farhat, que chegou ao Brasil ainda rapaz, em 1910, onde se estabeleceu e, mais tarde, foi reconhecido pela comunidade árabe internacional pela contribuição à aproximação cultural entre Oriente e Ocidente.

A programação do colóquio promovido pela Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências contou com uma exposição de fotos, objetos pessoais e a linha do tempo da vida e obra do autor. Na abertura oficial, marcaram presença autoridades e representantes diplomáticos. Entre eles Alejandro Bitar, Jacyntho Lins Brandão e os cônsules honorários Edmundo Abi-Ackel e Emir Cadar.

Alejandro Bitar se encarregou da apresentação da conferência dedicada à trajetória e relevância de

Elias Farhat na poesia árabe - ele escreveu toda a sua obra no idioma. Houve também o lançamento do primeiro livro do autor em português – em edição bilingue – além de uma obra com textos de pesquisadores brasileiros e do acervo pessoal de Elias Farhat, tudo devidamente digitalizado. Seguiram-se declamações poéticas de Gehad Ismail Hajar e apresentação musical de Mauro Rodrigues e Gil Amâncio, em parceria com o ProCult/UFMG.

Em seu segundo dia, o evento contou com mesas-redondas e conferências voltadas à análise da obra de Farhat sob diferentes enfoques - incluindo sua atuação sociopolítica, a relação com a comunidade árabe de Belo Horizonte e os desafios da tradução da literatura árabe no Brasil. Fizeram parte do encontro pesquisadores como Miguel Mahfoud, Muna Omran, Christina Stephano de Queiroz, Danny Zahereddine, Barjute Bacha, Guilherme Di Lorenzo Pires e Khaled Tomeh.

No encerramento, Gehad Ismail Hajar apresentou a conferência “As diversas modalidades de amor na língua árabe e na poesia de Elias Farhat”, acompanhada de declamações.

Segundo o coordenador do evento, Miguel Mahfoud, a obra de Farhat estabelece vínculos culturais relevantes entre o Oriente Médio e o Brasil, destacando o caráter “lírico e libertário” da obra. O escritor e professor Jacyntho Lins Brandão ressaltou que, apesar do reconhecimento em seu tempo, o poeta ainda é pouco lembrado em Belo Horizonte, reforçando a importância de iniciativas voltadas à divulgação de sua obra.



Colóquio em BH: No alto, Muna Omran, Thariq Osman, Jacyntho Brandão, Christina Stephano de Queiroz e Alejandro Bitar (ex-cônsul do Líbano no Rio de Janeiro). Acima, livros e objetos pessoais de Elias Farhat, exibidos durante o evento



KFARSHIMA, MONTE LIBANO, INÍCIO DO SÉCULO 20

A aldeia situada a sudeste de Beirute, na fronteira do deserto de Shweifat, entre colinas, pomares e áreas que descem em direção ao mar, vivia sob o domínio do Império Otomano, que por mais de quatro séculos exerceu controle político e social na região. Nesse contexto, intensificou-se o fluxo migratório de populações locais para as Américas, devido às condições impostas pelos otomanos. Ao longo da primeira metade do século passado, esse movimento contribuiu para a formação de comunidades árabes expressivas no continente.

Nesse cenário Elias Farhat emigrou para o Brasil, no ano de 1910. Ao deixar a terra natal, o rapaz levou consigo não apenas a memória da aldeia, mas também um dos principais elementos de identidade: o idioma árabe, que seria o eixo de toda sua produção literária. Desde muito jovem, Farhat era conhecido pelo talento na arte de declamar do zajal – a poesia oral improvisada, típica do Líbano – e pela habilidade de criar versos que circulavam entre os habitantes locais.

No Brasil, estabeleceu-se inicialmente em Curitiba, onde foi acolhido por um de seus irmãos. Trazia consigo, entre seus pertences, uma mecha de cabelos de sua amada – elemento que inspiraria posteriormente um de seus poemas mais conhecidos, “A Madeixa de Cabelos”. Para garantir a subsistência, foi vendedor ambulante, percorrendo diferentes regiões de um país em transformação, ao mesmo tempo em que se

adaptava às condições da imigração.

Paralelamente, mantinha uma produção literária contínua. Mesmo distante, seguiu escrevendo em árabe sobre o Oriente e utilizando a poesia como instrumento de crítica à exploração dos povos árabes, então dominados ou sob a influência de potências estrangeiras. Uma atuação que contribuiu para que ele se consolidasse como um dos principais nomes da literatura do Mahjar – termo que designa a produção cultural árabe no exílio.

Nesse contexto, também esteve vinculado ao movimento Al-Nahda, originado no Egito e marca de um período de renovação intelectual e artística no mundo árabe, impactando as comunidades da diáspora.

No Brasil Elias Farhat teve sua fase literária mais produtiva, publicando obras como “al-Rabi” (Primavera) e “al-Kharif” (Outono), além de “Roubayat” (Quartetos), livro que completa cem anos. Nesses textos, o autor aborda temas como liberdade, igualdade e unidade entre os povos árabes, ao mesmo tempo em que tece críticas ao puritanismo, ao materialismo e ao orgulho.

Seu engajamento extrapolou o campo literário e, em 1948, depois de vencer um concurso internacional de poesia no Egito, destinou integralmente o prêmio em dinheiro à população palestina – gesto definitivo de atuação política e humanitária.

A obra do escritor permanece presente e viva tanto no Líbano como na Síria, onde seus poemas são estudados e Elias Farhat é nome de ruas em diversas cidades.



Leituras: No alto, Miguel Mahfoud e Felipe Farhat, neto do poeta. Acima, a professora de literatura Maria Barjute Bacha. Ao lado, a obra “Apele das Nuvens Lacrimosas”, organizada por Miguel Mahfoud e Samir Barghouti. Mahfoud é autor de “Elias Farhat, Sua Obra e Seu Contexto: Uma Antologia”, livro digital lançado durante o evento (disponível gratuitamente em: <https://acervoeliasfarhat.com.br/wp-content/uploads/2025/12/eliasfarhat-suaobra>)

“Apesar das amarguras e dos momentos sofridos/A vida nos era aprazível/pelo fato de estarmos livres/E pelo simples fato de não sermos humilhados” - Elias Farhat



Na capital do Brasil, Elias Farhat foi recebido em Brasília, no dia 8 de dezembro de 1966

Em 1921, Farhat casou-se com Julia Gibran, parente distante do escritor Gibran Khalil Gibran. O casal viveu inicialmente no município da Lapa, onde constituiu uma extensa família, e posteriormente se estabeleceu em Belo Horizonte, consolidando vínculos duradouros com a capital mineira.

Em 1959, já com o Líbano independente, Elias Farhat e sua esposa retornaram temporariamente ao Oriente Médio a convite do governo da República Árabe Unida, em uma viagem de quase um ano.

COM A PALAVRA, O POETA

Sobre o período em que percorreu regiões remotas do Brasil como vendedor ambulante, Elias Farhat deixou registros poéticos que traduzem, com contundência, a experiência do exílio e das adversidades enfrentadas. Em versos marcados pela escassez material e pela resistência, o autor retrata a dureza da vida itinerante sem abrir mão de um olhar afirmativo sobre a liberdade:

“Em cabanas desertas, dormíamos desamparados
A lamentos e uivos de corujas, éramos resignados
Por entre paredes estilhaçadas e tetos
desmoronados
Víamos o advir e o declínio das estrelas
Inscrições feitas sem pincel desfilavam por entre
remendos
E o limo cobria o brilho em fartos aglomerados
A nossa comida não passava de alguns peixes
fígados
Nem sempre a pesca se cumpria, nem sempre
éramos saciados;
A nossa bebida era a mesma de cavalos
abandonados
Que repugnavam os tragos por nós consumidos
Apesar das amarguras e dos momentos sofridos
A vida nos era aprazível
Pelo fato de estarmos livres
E pelo simples fato de não sermos humilhados.”

Este poema - traduzido do árabe por Flávia Farhat, escritora, jornalista e bisneta do autor - evidencia a forma como Farhat converte a experiência concreta da precariedade em matéria literária, articulando privação, dignidade e liberdade como elementos centrais de sua obra. ■



Letras árabes: No alto, o então presidente da Síria, Shucrí al-Quwatli, recebe o poeta e sua esposa, Julia Gibran, em Damasco. Acima, Farhat em recepção na Universidade Americana de Beirute, em 1960

DOS BOSQUES DE CEDRO ÀS MONTANHAS DE MINAS

A história de Houda e Ephram Khalil Ephram reverbera através do tempo como a de tantos outros imigrantes, antes e depois deles. Ela recorda encontros, partidas, recomeços, aprendizados e afetos. A vida, afinal

A tarde em Belo Horizonte era de silêncio manso, daqueles que parecem segurar o tempo pelas mãos. O aroma do café recém-coado subia leve, misturando-se ao açúcar dos confeitos de Páscoa sobre a mesa posta. Nesse intervalo delicado entre o agora e o que já passou, dona Houda, começou a abrir as gavetas da memória. Não contou uma história, reviveu um passado.

Com voz firme envolta em suavidade, traçou o percurso de Ephram Khalil Ephram, jovem nascido em Zahlé, região libanesa onde o aroma da madeira cortada e o peso das tradições faziam móveis e moldavam destinos. Filho de Khalil Ephram e Adele Khoury, ele cresceu entre vozes, irmãos e afetos — Emile, Michel, Nadia, Suheila,

Laurice, Aida e Lody. Na casa da família cabia o mundo inteiro. Até que deixou de caber.

No dia 11 de fevereiro de 1955, aos 20 anos, ele atravessou o oceano. Não foi apenas um deslocamento geográfico, mas uma ruptura silenciosa.

No Brasil, São Paulo o recebeu primeiro. A cidade grande lhe ofereceu um idioma estranho e promessas difusas. Chegou a trabalhar com madeira, como se tentasse agarrar as próprias raízes. Mas o tempo, artesão invisível, traçou outro caminho. Minas Gerais veio a seguir e com ela, o movimento.

Em Governador Valadares, houve uma tentativa, um fracasso e o aprendizado árduo que só os recomeços oferecem. Já em Belo Horizonte, a capital se apresenta novamente como uma página em branco. Ephram tornou-se mascate —



Desde o vale do Bekaa: Dona Houda Ephram tecendo suas memórias de coragem e pertencimento. Uma travessia que transformou saudade em destino, recomeço e raiz.

Eu vivia em um país e me mudei para outra cultura”, lembra. Nesse início, houve mãos estendidas que os acolheram no meio do desconhecido

uma simples palavra na qual, novamente, cabia, um mundo inteiro. As distâncias percorridas eram longas, os sotaques que se misturavam e os olhares, a princípio desconfiados, aos poucos transmitiam confiança. O interior mineiro era um mapa vivo — Sete Lagoas, Curvelo, Montes Claros, Itaúna, Divinópolis, Pará de Minas — cidades costuradas uma a uma, como o bordado do próprio destino.

Em 1956, ao lado do irmão Michel, Ephram ergueu uma loja, a Casa das Nações, na rua dos Caetés, nascida como um símbolo. Não era apenas comércio. Tratava-se de uma travessia, o pertencimento reinventado. Porém, quando a vida parecia já ter estabelecido as linhas principais, ela ainda guardava surpresas.

Em 1964, de volta ao Líbano, Ephram atravessou uma porta sem saber que cruzava também um portal. Na casa de Youssef e Ivone Maakaroun, encontrou Houda. Naquele instante, o tempo que tantas vezes separa decidiu unir. Sem cálculo ou hesitação, apenas com reconhecimento.

Ephram retornou ao lar dos Maakaroun na mesma tarde, e perguntou a Houda com muito mais do que palavras: “Você gostaria de se casar comigo e ir para o Brasil?”. Ela, também com 20 anos, aceitou. Reconheceu verdade naquele pedido.

Casaram-se duas semanas depois, em Taanayel, e em seguida partiram. Para ela a travessia foi outra, algo mais íntimo e silencioso. “Eu vivia em um país e me mudei para outra cultura”, lembra. Era como ter de aprender a existir novamente. Nesse início, houve mãos estendidas: dos tios Nagib e Abdallah Maakaroun, que os acolheram no meio do desconhecido.

Houda lembrou com carinho das tias, dona Vitória Jeha e dona Laila Hallit, e da prima, dona

Bertha Jeha Mendes de Souza — presenças de cuidado e afeto que ajudaram a suavizar a saudade e a distância de sua família no Líbano.

O tempo se encarregou do que sabe fazer melhor, transformar. As filhas — Silvana, Nádia e Sandra — nasceram como raízes criadas em solo novo, alimentadas pela memória ancestral. Cresceram entre idiomas, valores e gestos herdados. “São boas meninas”, diz Houda, com uma simples frase, transmitindo uma vida inteira de cuidados.

Depois vieram os netos — Sofia, Henrique, Bernardo, Gabriel e Luiza — partes de uma história de permanência e pertencimento na nova pátria.

Em 1990, os caminhos profissionais dos irmãos se separaram e Ephram, agora moldado pelo tempo, seguiu adiante. Abriu uma nova Casa das Nações, reafirmando a presença no comércio e a identidade dentro da comunidade libanesa de Belo Horizonte. Há nomes construídos com negócios e outros, com caráter.

Hoje, as filhas de Houda e Ephram são herdeiras desse legado visível de portas abertas e tradição preservada. Além do legado invisível, aquele imensurável, que não pode ser vendido porque foi construído a base de dedicação, honestidade, respeito e amor.

Em 13 de setembro de 2014, no Retiro das Pedras, Houda e Ephram celebraram cinquenta anos de união. Meio século de travessia compartilhada entre partidas, encontros, perdas e permanências.

Desde o Líbano até o Brasil, do bosque dos cedros às montanhas de Minas, eles construíram algo que significa muito mais do que datas e marcos.

Construíram um lugar no mundo.

E um lar dentro dele. ■



Com açúcar e com afeto: Dona Houda lembrou das tias Vitória e Laila e da prima Bertha. Mãos amigas que suavizaram a distância entre o Líbano e Belo Horizonte

HOMENAGEM

PADRE SILVANO CHAMOUN RECEBE TÍTULO DE CIDADÃO CAMPINEIRO

Sacerdote maronita libanês radicado no interior paulista é reconhecido pela trajetória de doação, fé e acolhimento aos necessitados

Fundador da Pastoral da Caridade em Campinas (SP), e conhecido por sua atuação em ações sociais na região, o padre Silvano Chamoun recebeu da Câmara Municipal da cidade o título de Cidadão Campineiro, durante sessão solene na Câmara Municipal, no último dia 18 abril.

A iniciativa foi do vereador Roberto Alves, como reconhecimento aos esforços do sacerdote maronita para o acolhimento e auxílio à população em situação de vulnerabilidade, com destaque para a arrecadação e distribuição de alimentos. Além da assistência espiritual a idosos que vivem em instituições de longa permanência.

Libanês nascido em Zahlé, o padre - também conhecido como Silouanos e integrante da

Pastoral Sede Santos - é vigário episcopal do eparca maronita dom Edgard Madi e integra o tribunal arquidiocesano na cidade. Em maio do ano passado, Silvano Chamoun acompanhou o eparca Madi em visita ao papa Leão 14, no Vaticano, durante o Jubileu das Igrejas Orientais.

No discurso durante a cerimônia, o vereador Roberto Alves chamou atenção para o reconhecimento e o sentimento coletivo de gratidão da população campineira diante de uma trajetória de doação, fé e acolhimento aos mais necessitados. Segundo o político, o sacerdote vai além do papel de líder espiritual, consolidando-se como referência de solidariedade e humanidade.

O plenário José Maria Matosinho serviu de palco para a homenagem, que reuniu autoridades civis, religiosas, familiares e membros da

FOTOS: VINICIUS B ALVES



Acima, foto comemorativa da homenagem ao padre Silvano. Com o cônsul honorário, Miled el-Khoury. E recebendo o título de Cidadão Campineiro, do vereador Roberto Alves



comunidade. Entre os presentes, o prefeito Dário Saadi, a conselheira paroquial Luciana Maldonado, o cônsul-geral do Líbano em São Paulo, Rodrigue el-Khoury; e do cônsul honorário do Líbano em Campinas, Miled Fernando el-Khoury; e Marcelo Salhab, presidente do Clube Monte Líbano de Campinas.

Rodrigue el-Khoury ressaltou o significado simbólico da iniciativa e descreveu o sacerdote como um “embaixador dos valores libaneses”. E traçou um paralelo com o cedro do Líbano - símbolo nacional do país - afirmando que, assim como a árvore milenar, o padre Chamoun mantém raízes firmes em sua terra de origem enquanto prossegue a atuação sacerdotal pelo mundo. ■

No ano passado, Silvano Chamoun acompanhou o eparca Edgard Madi em visita ao papa Leão 14, no Vaticano, durante o Jubileu das Igrejas Orientais

ENTRE ASPAS

Impressões de guerra

“ O Líbano não enterra apenas seus mortos, ele os carrega em cada rua silenciosa.

As paredes destruídas ainda guardam ecos dos risos que a guerra calou.

O céu, cansado, parece esquecer a cor azul e se veste de fumaça.

Mães abraçam ausências como se ainda fossem corpos quentes.

Há pais que saíram para proteger e nunca voltaram para serem lembrados.

A guerra não destrói apenas casas, destrói histórias inteiras.

O Líbano respira, mesmo com o peito ferido e cansado.

Respira por aqueles que não puderam continuar.

Entre ruínas e lembranças, a vida insiste em permanecer.

E na dor profunda, nasce uma coragem que se recusa a morrer. ”



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

**O ESPAÇO IDEAL
PARA INSTALAR
SUA EMPRESA
OU ARMAZENAR
SEUS PRODUTOS.**



CENTERBRÁS-AG

**SALAS COMERCIAIS MODULARES
E ESPAÇOS PARA LOJAS E DEPÓSITOS
DE DIFERENTES DIMENSÕES.**

No CenterBrás-AG você encontra diversos tipos de serviços úteis para o dia a dia das empresas e de seus profissionais como Restaurantes, Correios, Agências Bancárias, Caixas Eletrônicos, Agências de Viagem e uma infraestrutura completa para a instalação de sua empresa. O estacionamento possui uma capacidade rotativa para cerca de mil carros.

>>> WWW.CENTERBRAS.COM.BR • (11) 3322-7000